



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação



BEATRIZ PIMENTEL DE SÁ LOUVEN DE FONTES

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: proposta de uma ação pedagógica

Rio de Janeiro
2010

BEATRIZ PIMENTEL DE SÁ LOUVEN DE FONTES

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: proposta de uma ação pedagógica

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^ª. Maria das Graças Freitas Souza Filho

Rio de Janeiro
2010

F683c Fontes, Beatriz Pimentel de Sá Louven de.

Competência em Informação: proposta de uma ação pedagógica/ Beatriz Pimentel de Sá Louven de Fontes; Orientadora: Maria das Graças Freitas Souza Filho. –Rio de Janeiro: o autor, 2010.
29f.

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

1. Competência Informacional. 2. Bibliotecários. 3. Biblioteca – Educação.
I. Souza Filho, Maria das Graças Freitas. II. Título.

CDD: 379.24

BEATRIZ PIMENTEL DE SÁ LOUVEN DE FONTES

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: proposta de uma ação pedagógica

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado (a) em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Maria das Graças Freitas Souza Filho – UFRJ
Mestre em Ciência da Informação
Orientadora

Prof^ª. Maria de Fátima Borges Gonçalves de Miranda – UFRJ
Mestre em Ciência da Informação
Professora convidada

Prof^ª. Vânia Lisboa da Silveira Guedes – UFRJ
Doutora em Linguística
Professora convidada

A todos aqueles que tiveram o prazer de descobrir sua paixão. E principalmente aos que se permitiram crescer por ela.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Helder, que sempre mostrou a importância dos estudos e esteve ao meu lado nas decisões mais importantes. Obrigada pela compreensão e amor dedicado em todos os aspectos de minha vida.

À minha mãe, Sônia, que muitas vezes abdicou seus desejos e vontades para se dedicar à educação de suas filhas. Obrigada por nunca deixar faltar uma palavra amiga, por todo apoio e amor.

À minha irmã, Larissa, que como boa “irmã mais velha” sempre me protegeu. Obrigada pelo apoio nessa caminhada, por sempre estar disposta a me ajudar e por toda a atenção a mim dedicada desde aquele dia 05 de abril de 1989.

Ao Emilio, que tem sido minha válvula de escape nas horas de desespero. Obrigada por estar sempre ao meu lado, agüentar meus momentos de desespero e me manter com foco. Sua presença foi essencial.

Aos familiares e amigos que junto comigo comemoram mais essa conquista.

À Profª. Maria das Graças, que me acolheu e como uma mãe me guiou pelos caminhos da Competência em Informação, a fim de criarmos um trabalho bonito e de qualidade.

Não tenho palavras para dizer o quanto sou grata.

“Nunca confie em nada que é capaz de pensar *se você não pode ver onde fica seu cérebro.*”

J. K. Rowling

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|--|
| ACRL | Association of College and Research Libraries |
| ANZIIL | Australian and New Zealand Institute for Information Literacy |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CI | Competência em Informação |
| DHI | Desenvolvimento de Habilidades em Informação |
| GEBE | Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar |
| FEBAB | Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições |
| IDH | Índice de Desenvolvimento Humano |
| IFLA | Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias |
| IL | Information Literacy |
| IIL | Institute for Information Literacy |
| MCT | Ministério da Ciência e Tecnologia |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| PNUD | Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento |
| TIC's | Tecnologias da Informação e Comunicação |
| UFMG | Universidade Federal de Minas Gerais |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro |

RESUMO

FONTES, Beatriz Pimentel de Sá Louven de Fontes. **Competência em Informação:** proposta de uma ação pedagógica. 2010. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

No cenário da Sociedade da Informação a grande produção e demanda informacional tem sido alvo de estudos por parte de bibliotecários e educadores no contexto da Competência em Informação, do inglês *Information Literacy* (IL). A Competência em Informação é a habilidade a ser desenvolvida para que seja possível o aprendizado de maneira autônoma. Os estudos sobre essa habilidade são realizados há décadas, tendo como pioneiros os Estados Unidos, que através de suas bibliotecas/ bibliotecários desenvolveram estudos e parâmetros para a aplicação da IL. A presença dessa prática no Brasil é recente, porém, já se encontram estudos e pesquisadores dedicados à sua aplicação. Importante para o ambiente educacional, uma vez que a aplicação correta dessa habilidade proporciona a melhoria da qualidade da aprendizagem. Dessa maneira, espera-se que os profissionais bibliotecários, em parceria com os profissionais da Educação, sejam capazes de compreender o conceito de Competência em Informação para que possam utilizá-lo de modo efetivo nas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Competência em Informação. Information Literacy. Bibliotecários. Educação. Educador. Práticas Pedagógicas. Desenvolvimento de Habilidades em Informação. DHI.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | OBJETIVOS | 13 |
| 2.1 | Objetivo geral | 13 |
| 2.2 | Objetivo específicos | 14 |
| 3 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 14 |
| 4 | METODOLOGIA | 17 |
| 5 | COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO | 17 |
| 6 | AÇÃO PEDAGÓGICA | 21 |
| 7 | BIBLIOTECÁRIOS E A EDUCAÇÃO | 23 |
| 8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 25 |
| | REFERÊNCIAS | 28 |
| | ANEXO | 30 |

1 INTRODUÇÃO

A informação geradora de conhecimento é absorvida por diversos segmentos da sociedade. Apesar de a história mostrar que durante muitos séculos o acesso às informações era extremamente restrito, hoje, com o advento das tecnologias, este se tornou mais simples e rápido.

Se por um lado as tecnologias da informação e da comunicação facilitaram o acesso mais rápido ao grande contingente informacional existente nos dias de hoje, por outro o acesso a essas informações tornou-se mais complexo exigindo do profissional da informação novas habilidades e competências. Acrescente-se a isso a variedade de suportes como: livros, CD's, catálogos, bases de dados, entre outros.

O aumento exponencial da quantidade de informações produzidas e o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) são os fatores chave para o surgimento da Sociedade da Informação¹.

O ambiente da Sociedade da Informação gera o que comumente se conhece como cibercultura, que representa:

(...) o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço, definido por meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, abarcando não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LEVY, 1999 apud DUDZIAK, 2000).

Para garantir acesso de qualidade sobre os conteúdos produzidos é necessário capacitar as pessoas. Dessa maneira será possível que as pessoas recuperem informação de modo consistente, gerando conhecimento e criando um poder de interpretação e crítica.

¹ Sociedade da Informação é uma expressão gerada a partir do processo de globalização após a introdução das TIC's.

A popularização da Internet promoveu uma maior disponibilidade de informação. A facilidade para publicar textos técnico-científicos e de cultura geral aumentou exponencialmente, gerando uma grande quantidade de informação. Para ter embasamento sobre o conteúdo encontrado na Internet, é necessário utilizar fontes confiáveis na web.

Em meio ao novo cenário, o bibliotecário deve ser elo entre o usuário e a informação capaz de ser recuperada. O profissional da informação deve estar aberto a constantes atualizações para acompanhar o ritmo das mudanças do ambiente, promovendo melhor acesso às publicações.

Diante desse quadro, se faz necessária uma política que promova o desenvolvimento de competências para a atuação no meio informacional.

Nas universidades brasileiras, iniciativas de grupos de bibliotecários têm possibilitado o acesso às informações relevantes para as áreas de pesquisa, por meio de treinamentos no acesso às bases de dados. O Portal de Periódicos da CAPES², criado no ano de 2000, revolucionou o acesso às informações no ambiente acadêmico.

Na biblioteca escolar, vale destacar a criação do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar GEBE³, da Escola de Ciência de Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o qual por meio de seus membros, pesquisadores e estudantes realiza atividades em torno de abordagens da biblioteca como órgão educador, promovendo um aumento na compreensão da importância da biblioteca como ambiente facilitador para ações pedagógicas.

Para Campello (2006), o GEBE desenvolve suas ações na perspectiva da escolarização da competência informacional, considerando que o desenvolvimento de habilidades informacionais faz parte do processo contínuo de letramento.

² <http://www.periodicos.capes.gov.br>

³ <http://www.gebe.eci.ufmg.br>

A *Information Literacy* (IL), traduzida para esse trabalho como Competência em Informação (CI), tem sido alvo de estudos no que se refere aos conceitos, o desenvolvimento de habilidades, sua importância na educação etc.

Este trabalho visa abordar duas linhas temáticas consideradas importantes para a sociedade e para os profissionais da informação: a utilização da CI na educação e o papel do bibliotecário como mediador dessa prática.

Sabe-se que a educação é um fator decisivo e de fundamental importância para o desenvolvimento de qualquer país. Em comparação com as potências mundiais, o Brasil necessita priorizar a educação nos planos governamentais. As diferenças sociais são barreiras a serem derrubadas na busca de uma educação de qualidade.

A educação brasileira deve passar por mudanças estruturais para que se torne de qualidade em todos seus aspectos. Para que haja uma base é necessário que os profissionais da educação estejam conscientes das lacunas existentes e que saibam como saná-las. Sensibilizados com as dificuldades, eles devem ser os profissionais potencialmente engajados com a causa.

Machado (2008) faz uma crítica à postura do bibliotecário perante seu papel frente à sociedade. Segundo estudos realizados pela pesquisadora, a biblioteca deveria ser um ambiente construído pela sociedade para a sociedade.

O desenvolvimento da competência em informação deve ter um lugar durante toda a vida dos cidadãos e, especialmente, em seu período de educação, momento em que os bibliotecários, como parte da comunidade de aprendizagem e como especialistas na gestão da informação, devem ou deveriam assumir o papel principal no ensino das habilidades em informação. (LAU, 2007)

No contexto educacional, espera-se que o bibliotecário, junto com docentes e administradores de instituições de ensino, possa tomar partido do desenvolvimento de habilidades em informação (DHI), visando uma melhora significativa nos padrões da educação no Brasil.

Mais que deter conhecimento disponível, trata-se de habilitar metodologicamente a pessoa a manejá-lo e produzi-lo. A óbvia interdisciplinaridade da formação básica, para tornar-se real, carece de especificidade, ou seja, somente pessoas competentes seus ofícios conseguem permutar conhecimento novo e útil. Sem o devido aprofundamento e trânsito metodológico, socializamos a ignorância (SALM – FOGAÇA, 1990; ABRAMO, 1990; SIEBENEICHLER, 1989 apud DEMO, 2004, p. 30).

De acordo com o referido, apenas quem é competente em seu ofício consegue realizar esse ensinamento, e sendo o bibliotecário o principal e mais qualificado profissional para gerir a informação, deve caber a ele o papel de elaborar e transmitir a capacitação a essa habilidade.

Segundo Demo (2007, p.137) o desafio de aprender, tomado em sua profundidade mais intensa, implica esforço, renúncia, dedicação, sistematicidade, insistência, do que pode resultar enorme prazer.

A inserção das novas tecnologias nas escolas passa a gerar um confronto no modelo educacional, de forma a levantar questionamentos no futuro das salas de aulas caso a prática do “ensino à distância” seja efetivada no modelo educacional.

Por isso, surge a preocupação em realizar um trabalho conjunto do bibliotecário com o professor escolar, de modo a planejar práticas pedagógicas que envolvam os alunos na construção do conhecimento, na inserção da capacidade de aprender a aprender, gerando futuramente cidadãos capazes de pensar e produzir idéias e questionamentos e não ser uma máquina de copiar.

2 OBJETIVOS

O trabalho tem como foco principal o tema Competência em Informação, o papel do bibliotecário como educador e motivador no processo de desenvolvimento das habilidades em informação (DHI).

2.1 Objetivo geral

Apontar os conceitos da Competência em Informação e sua importância aplicada às práticas pedagógicas.

2.2 Objetivos específicos

- Divulgar o conceito de competência em informação visando esclarecer o papel do bibliotecário neste contexto;
- Sensibilizar o profissional bibliotecário para o desenvolvimento das habilidades em informação visando uma aprendizagem permanente e
- Mostrar a necessidade da elaboração de um plano de ação que privilegie o desenvolvimento de práticas pedagógicas incentivando e viabilizando o acesso adequado a informação.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por meio do levantamento bibliográfico realizado para a elaboração do presente trabalho, constatou-se que parte significativa dos artigos publicados são obras de pesquisadores de renome na área. Buscando conteúdos que apresentassem coerência para a temática adotada, utilizou-se:

Belluzzo (2004), que considera a educação como peça fundamental para mudanças, permitindo a “construção de uma sociedade baseada na Informação e no Conhecimento sob a ótica da Qualidade”. Aponta problemas gerados pela facilidade de criar informações e a necessidade de se possuir habilidades que possibilitem a pesquisa, organização e disseminação dessa informação. Para a autora, a *Information Literacy*, “constitui-se na fluência científica e tecnológica e no saber utilizar a informação, criando um novo conhecimento”.

Demo apud Belluzzo (2004) destaca quatro habilidades inseridas no contexto da *Information Literacy*: 1- De propedêutica, que consiste no raciocínio completo e questionador, capaz de pesquisar e elaborar individualmente, também chamada de qualidade formal. 2- De intervir na realidade, que possibilita criticar e usar a criatividade, introduzindo permanentemente a inovação, chamada de qualidade política. 3- Da emoção, apresenta um envolvimento subjetivo, capaz de se traduzir em auto-estima, realização individual e coletiva. 4- De saber fazer, que demonstra corretamente

o saber pensar. Esse conjunto de habilidades permite aprender a aprender, por meio de autonomia intelectual.

Campello (2006) apresenta um breve histórico do termo *Information Literacy*. Destaca a necessidade do profissional da educação perceber a CI como ação pedagógica, assim como conscientizar o bibliotecário, que implementando a CI sem colaboração, dificilmente essa prática será adotada pelas instituições de ensino.

Campello (2006), em conjunto com o GEBE, verificou: 1) o papel desempenhado pela biblioteca nas propostas de aprendizagem; 2) traçou o perfil da coleção de uma biblioteca escolar; e 3) explorou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para identificar se as habilidades informacionais estavam presentes no documento para a formação do aluno. Dessa maneira, a autora retrata o papel do profissional bibliotecário perante a sociedade, que deve proporcionar uma aprendizagem baseada nos conceitos da CI.

Demo (2004) retrata qualidade educativa como “acesso universalizado a conhecimento básico educativo, capaz de garantir a todos condições de participar e produzir”. Ainda assim, sabe-se da existência de duas vertentes: ter acesso ao conhecimento disponível e ser capaz de reconstruir diariamente seu horizonte informativo. Para lidar constantemente com o contingente informacional é preciso que as pessoas sejam educadas com base na interdisciplinaridade, pois necessitam de habilidades de diferentes áreas para alcançarem a competência necessária para atingirem o conhecimento.

Dudziak (2003) exhibe um histórico da *Information Literacy*, desde o surgimento da expressão na década de 70 até o final da década de 90, com o aparecimento de diversas instituições de pesquisa sobre IL. A autora afirma que, no Brasil, os precursores da IL foram bibliotecários que ministraram treinamentos de usuários, tal como no Estados Unidos, conhecido como “bibliographic instruction”. Esta afirmativa está também presente em CAMPELLO (2006).

Lau (2007) elaborou o documento “Diretrizes sobre Desenvolvimento de Habilidades em Informação para a Aprendizagem Permanente”, publicado pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA). Estas diretrizes “podem ser revisadas, modificadas ou adaptadas pelos bibliotecários, de acordo com as necessidades de suas instituições, para que seus elementos se ajustem melhor às necessidades nacionais ou locais, onde os pressupostos, políticas, procedimentos ou prioridades sejam diferentes [...]. Os profissionais da informação devem levar em conta que precisam fazer o que puderem com os recursos disponíveis. É melhor fazer alguma coisa do que esperar até a criação de um programa perfeito de habilidades em informação”.

É importante ressaltar que este documento apresenta um caminho possível a seguir pelos profissionais da informação para implementação de um programa de desenvolvimento de habilidades em informação.

No referido documento, o autor considera que cada unidade informacional é diferente e, por isso, cada projeto deve ser elaborado de acordo com sua própria estrutura. A criação de um plano estratégico é o primeiro passo para envolver os profissionais da informação e os gestores educacionais no projeto. Esse projeto deve consistir em:

- Missão: apresenta as metas e papéis essenciais para o desenvolvimento da CI;
- Visão: resultado que se espera alcançar;
- Justificativa: aponta a real necessidade de se criar o projeto;
- Forças e fraquezas: a capacidade que a biblioteca possui para o desenvolvimento do projeto;
- Análise ambiental: conhecer fatores internos e externos que possibilitam o sucesso ou falha do programa;
- Estratégias: caminhos desenvolvidos para sua realização;
- Metas e objetivos: o que se busca alcançar;
- Ações: atividades elaboradas para alcançar os objetivos pré-determinados;
- Recursos e requisitos: quais recursos são necessários para alcançar as metas e objetivos
- Orçamento: custo necessário para desenvolver cada ação;

- Cronograma: datas limites para a realização dos objetivos.

Por meio desses itens, percebe-se a complexidade na elaboração de um projeto de Desenvolvimento de Habilidades em Informação (DHI) e a necessidade de ser construído por uma equipe capacitada e interdisciplinar: bibliotecários, educadores, administradores.

4 METODOLOGIA

Para a elaboração do trabalho utilizou-se dois modelos de metodologia: descritiva e exploratória. A partir do levantamento bibliográfico, foi possível aplicar as metodologias determinadas.

Por meio da metodologia descritiva, foi possível conceituar o tema pesquisado, a CI. A partir da exploratória, foram determinados os fatores que influenciam as questões, como fatores sócio-econômicos, índices educacionais e o papel do bibliotecário na educação.

5 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Information Literacy é definida como a habilidade para reconhecer quando existe a necessidade de se buscar a informação, estar em condições de identificá-la, localizá-la e utilizá-la efetivamente para um objetivo específico e pré-determinado – o desenvolvimento da sociedade com responsabilidade, ética e legalidade. Também denominada *alfabetização do Século XXI*. (ASSOCIATION FOR COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES apud BELLUZZO, (s.d.), p.126).

Segundo Lau (2007), *literacy* ou *literate* é possuir instrução, ser capaz de ler e escrever, ter capacidade sobre. Desse modo, *Information Literacy* é a capacidade para lidar com a informação, seja através da leitura e escrita ou da capacidade de utilizá-la. Por essa consideração, tem-se que para ter essa “capacidade” é preciso saber localizar, avaliar e utilizar a informação de maneira efetiva. Deve-se desenvolver a habilidade de aprender a aprender para que com isso se possa agregar valor à informação.

Belluzzo (2004) aborda a necessidade de todo homem ter o direito de ler e entender a ciência e a tecnologia que moldam a sociedade atual, ou seja, possuir a *literacy*. Assim,

o indivíduo será capaz de desenvolver linhas de pensamentos e conhecimentos críticos visando não só seu bem-estar, mas de todo o coletivo.

A *Information Literacy* deveria ser mais explorada, para possibilitar uma construção de conhecimento baseada em informações sólidas. Segundo Hatschbach (2002), a *Information Literacy* inserida na Sociedade da Informação permite a realização de aprendizagem de um modo autônomo, para que se utilize a informação para a criação de um novo conhecimento. Também permite um enfoque em habilidades para uso de bibliotecas, estudos, tecnologias de manipulação da informação.

A importância de desenvolver estudos sobre *Information Literacy* já alcançou níveis institucionais em alguns países, como o *Institute for Information Literacy* (IIL) da *Association of College and Research Libraries* (ACRL), que prepara bibliotecários para serem professores de *Information Literacy* e auxiliarem tanto administradores escolares, quanto educadores a utilizarem a IL nas suas instituições de ensino. A *Australian and New Zealand Institute for Information Literacy* (ANZIIL), que auxilia organizações a inserirem a IL no processo educacional, principalmente no que diz respeito ao ensino superior. O *NordinfoLit* discute as iniciativas de IL nos países nórdicos.

Em 1998, Dudziak (2003, p.27) realizou uma pesquisa cujo foco foi uma investigação no mecanismo de busca Altavista (<http://altavista.com>) onde se procurou por *Information Literacy*. O resultado apontou nove mil e quinhentos *web items* com a expressão. No presente trabalho, a mesma pesquisa foi realizada, tendo sido utilizada a mesma ferramenta de busca. O resultado obtido foi de cento e doze milhões de *web items*, o que mostra o crescimento significativo do tema e o pressuposto de que sua importância tem sido devidamente estudada.

O termo *Information Literacy* ainda não possui uma tradução definida para a língua portuguesa, contudo, existem algumas expressões mais utilizadas como: alfabetização informacional, letramento, literacia, fluência informacional, competência em informação, entre outros. O trabalho utilizará o termo “Competência em Informação” (CI) para tratar o assunto, por ser o mais abrangente em relação aos conceitos originais

da IL e agrega uma idéia de desenvolvimento, evolução. CI abrange as capacidades e habilidades de aprender, sendo aplicada com maior freqüência no campo educacional.

Analisando as instituições anteriormente citadas e a busca bibliográfica realizada, constatou-se que quase não há literatura sobre Competência em Informação no Brasil e que a maior parte dos estudos aqui realizados são voltados para o desenvolvimento de habilidades informacionais para educação voltada tanto para nível fundamental, quanto para ensino superior.

Os principais relatos sobre a Competência em Informação no Brasil surgem com os bibliotecários, no campo educacional – tendo Campello (2006) retratado três estudos sobre a ação pedagógica do bibliotecário: 1) o papel que a biblioteca desempenha nas propostas de aprendizagem; 2) o perfil da biblioteca escolar; 3) identificação das habilidades informacionais para a formação dos alunos - com atividades relativas ao estudo de usuários.

Se por um lado, a literatura produzida não tem sido significativa, a participação dos bibliotecários, por meio de treinamentos, ofertas de cursos a distância, de ações consideradas pró-ativas tem contribuído para a divulgação da CI no país. Para Campello (2006), ainda existem grandes evidências de problemas relacionados à prática de pesquisa escolar, decorrentes da escassez de programas que permitam que os usuários/alunos saibam utilizar a biblioteca e as fontes de informações que lá encontram, assim, caminhando em busca da autonomia de aprendizagem.

Hoje é um tema que tem mobilizado profissionais os mais variados: bibliotecários, professores, administradores, educadores, pedagogos, jornalistas, políticos, médicos, engenheiros, etc. Por ser um assunto que permeia todo e qualquer processo de aprendizado, investigação, criação, resolução de problemas e tomada de decisão [...] (DUDZIAK, 2008).

A CI, de abrangência multidisciplinar – envolvendo desenvolvimento econômico, saúde, cidadania, educação – em âmbito mundial, porém no Brasil, ainda busca-se formas para disseminar o conhecimento, para assim gerar discussões, práticas de informação, buscando preencher as falhas no desenvolvimento do país com auxílio da CI.

É difícil estabelecer parâmetros para a implementação da CI no Brasil, uma vez que essa competência é voltada para o desenvolvimento do indivíduo alfabetizado, o que não se enquadra na realidade do país. Desse modo, deve ser de geral conhecimento que para elaborar qualquer estudo pautado na CI deve-se primeiro realizar um estudo para conhecer as reais condições dos grupos sociais que dela deverão beneficiar-se.

O estímulo à competência em informação não encontra o devido eco no atual contexto político nacional, especialmente por causa da natureza mais imediatista e desarticulada das políticas governamentais e empresariais adotadas. É preciso disseminar o conceito e as práticas, com o apoio de intervenções políticas direcionadas à cultura da informação (DUDZIAK, 2008, p.45)

No Colóquio em Nível Superior em Competência Informacional e Aprendizado ao Longo da Vida (2005), houve a Proclamação de Alexandria, que determinou as competências informacionais e o aprendizado ao longo da vida como Faróis da Sociedade da Informação. Eles têm a função de apontar o caminho para o desenvolvimento, prosperidade e liberdade, a fim de atingir metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais, principalmente quando se faz uma análise do ambiente digital.

Criando um parâmetro com o Brasil, explicita-se a necessidade de determinar pólos de grupos sociais, os quais através de suas características e posicionamento do governo poderão desenvolver caminhos para que se alcance a possibilidade dos indivíduos aprenderem de maneira autônoma, desenvolverem pensamento crítico e, a partir dos seus conhecimentos, contribuirão no coletivo para um Brasil próspero.

Em matéria publicada no Jornal “O Globo”, a manchete do dia 5 de novembro de 2010 revela: “A educação freia avanço do Brasil em ranking da ONU: país sobe no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), mas é lanterna, como o Zimbábue, em anos de estudo”. A reportagem é demonstrada com dados fornecidos pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Apesar da colocação do Brasil como “lanterna”, dados estatísticos apontam que o Brasil melhorou em alguns índices de desenvolvimento como saúde, educação e renda nos

últimos quarenta anos. Na educação houve um aumento na média de anos de estudos, apesar de ainda ser preciso melhorias na qualidade de ensino.

Lena Lavinas (A EDUCAÇÃO, 2010), professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), aponta que o crescimento do Brasil no ranking de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) não reflete os avanços sociais vividos pelo país nos últimos anos, como “a forte redução da pobreza e da miséria”.

O problema é que, no Brasil, poucos chegam à universidade: 43% dos jovens de 15 a 19 anos nem sequer concluem o ensino fundamental. Faltam bibliotecas em 113 mil escolas, ou seja, em 68,81% da rede pública de ensino (SCLAR, 2010).

Diante de um quadro nada alentador em relação aos níveis de escolaridade e a carência de bibliotecas, muito terá que ser realizado para que os cidadãos venham a tornar-se competentes em informação.

O que se espera é que no futuro eles sejam capazes “de reconhecer quando existe a necessidade de se buscar a informação, estar em condições de identificá-la, localizá-la e utilizá-la efetivamente para um objetivo específico e pré-determinado – o desenvolvimento da sociedade com responsabilidade, ética e legalidade” (ASSOCIATION FOR COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES apud BELLUZZO, (s.d.), p.126).

6 AÇÃO PEDAGÓGICA

Para que seja possível o desenvolvimento de um projeto pedagógico que insira as novas tecnologias de informação e comunicação com o ensino, é necessário que se conheça algumas abordagens de aprendizado.

Para Rezende (2002), a “abordagem tradicional” tem seu enfoque no professor e no conteúdo didático e o aluno tem o papel de receptor passivo de conhecimento, que apenas memoriza o que lhe é transmitido. A “abordagem construtivista” possui o enfoque no aluno, na construção individual de significados. Acredita-se que por meio

dela, o aluno seja capaz de construir conhecimentos, os quais ele controla a partir do seu grau de interesse.

A abordagem construtivista tem sido mais utilizada para elaborar trabalhos junto com materiais informatizados. Ela permite diferentes propostas educacionais, de modo que o aluno possa criar seu próprio conhecimento, colaborando para que o processo de aprendizado seja cada vez mais reflexivo.

Segundo Rezende (2002), a inserção de novas tecnologias de informação e comunicação na abordagem construtivista proporciona interatividade; possibilita (através do computador) a simulação de aspectos da realidade; permite que as novas tecnologias de comunicação, acopladas com a informática, ofereçam interação à distância e possibilitem o armazenamento e organização de informações representadas de várias formas, tais como textos, vídeos, gráficos, animações e áudios, possíveis nos bancos de dados eletrônicos e sistemas multimídia.

Apesar da clara necessidade de mudança, as escolas ainda apresentam grande resistência para aceitação e utilização de tecnologias. Na maior parte dos casos, os computadores servem para aulas de Informática, nas quais são realizadas atividades de lazer, para eventos comemorativos escolares, ou atividade extracurricular. A inserção da tecnologia nas escolas deve permitir a criação de novas propostas, com as quais se possa realmente alterar o modelo de aprendizagem, para que, através do construtivismo, o aluno seja totalmente capaz de utilizar os meios para a realização de seus fins.

No Brasil, onde parte significativa da população é analfabeta e outra grande parte se enquadra no perfil de analfabeto funcional,⁴ é urgente que o Governo Federal tenha um Plano de Ação que contemple a população desfavorecida de informação e conhecimento, o que tem gerado um atraso de proporções catastróficas para a sociedade brasileira.

⁴ Analfabeto Funcional é como se considera o indivíduo que é capaz de compreender pequenas sentenças, assim como é produzir assinatura, porém não possui capacidade de interpretar um texto e realizar operações matemáticas.

“Mais que deter conhecimento disponível, trata-se de habilitar metodologicamente a pessoa a manejá-lo e a produzi-lo. A óbvia interdisciplinaridade da formação básica, para tornar-se real, carece de especificidade, ou seja, somente pessoas competentes em seus ofícios conseguem permutar conhecimento novo e útil. Sem o devido aprofundamento e trânsito metodológico, socializamos a ignorância” (Salm – Fogaça, 1990; Abramo, 1990; Siebeneichler, 1989, apud DEMO, 2004).

Cabe à escola promover a educação voltada para o uso das tecnologias com o viés da CI. As ferramentas devem auxiliar neste processo educativo desde o início da escolarização, para que se alcance um melhor aproveitamento na aprendizagem do aluno, uma vez que esse seria instruído desde o início a conhecer os melhores meios de recuperar e utilizar informação de maneira autônoma.

Mesmo com parte significativa dos estudos sobre CI sendo voltados para a educação fundamental, espera-se que a utilização da prática do “*aprender a aprender*” possa se desenvolver desde o início da escolarização. Esta prática deverá proporcionar um melhor aproveitamento na aprendizagem do aluno, já que esse seria orientado, desde o início, a realizar suas próprias pesquisas.

7 BIBLIOTECÁRIOS E EDUCAÇÃO

É comum observar comentários sobre a profissão do bibliotecário em torno da preservação de acervo, da organização e das suas clássicas áreas de atuação (bibliotecas públicas, escolares, universitárias, casas de cultura etc). Porém, em pleno Séc. XXI, em que a Sociedade da Informação requer cada vez mais atualizações, o profissional bibliotecário se depara com um novo paradigma.

O bibliotecário, também denominado profissional da informação, passa por um dilema que envolve o acesso aos conteúdos produzidos, a inserção de novas tecnologias nas atividades biblioteconômicas e a retomada de campos no mercado de trabalho que há muito eram ocupados por profissionais de distintas áreas.

Apesar da presença do bibliotecário em novas áreas de atuação, os campos presentes no antigo paradigma ainda são realidade para o profissional. O campo educacional sempre foi uma realidade para o profissional e espera-se que na Sociedade da Informação ele seja capaz de auxiliar o processo de aprendizagem.

Sabe-se que o bibliotecário recupera, trata e dissemina a informação. Por isso, possuindo as habilidades pertinentes à CI, espera-se que seja possível efetivar um crescimento nos resultados da aprendizagem. Cabe ao bibliotecário, junto com professores, pedagogos e outros profissionais ligados à área educacional, buscar ferramentas que auxiliem as mudanças desejadas ao sistema educacional.

A CI permite que o usuário, no caso o aluno, aprenda de forma autônoma. No que tange à educação, a CI permite que o aluno aprenda a utilizar as ferramentas para auxiliar a prática da aprendizagem, para agregar valor ao conhecimento obtido através das aulas.

Os profissionais da informação, conscientes da necessidade de possibilitar o acesso rápido e fácil ao novo universo informacional, voltam-se para a *Information Literacy*. Objetivam então tornar os usuários (agora usuários da informação) aprendizes independentes, enfatizando a integração curricular e a cooperação com a comunidade (DUDZIAK, 2003).

Dessa maneira, o bibliotecário deve ter conhecimento sobre as ferramentas utilizadas pelos estudantes e professores na busca desse conhecimento, para que sejam capazes de promover o “aprender a aprender” dentro das instituições de ensino, visando uma efetiva qualidade na educação brasileira.

Prioritariamente, a evolução tecnológica tem que alcançar as escolas. É fundamental que ocorra. Para isso, é necessário que os bibliotecários que atuam em escolas do ensino básico⁵ estejam preparados para lidar com diversos tipos de usuários: de professores que não foram capacitados a interagir com as diversas tecnologias, a crianças e jovens que lidam com essas tecnologias como forma de lazer praticamente desde que nasceram.

⁵ Ensino básico consiste nos ensinos infantil, fundamental e médio.

O desenvolvimento da competência em informação deve ter um lugar durante toda a vida dos cidadãos e, especialmente em seu período de educação, momento em que os bibliotecários, como parte da comunidade de aprendizagem e como especialistas na gestão da informação, devem ou deveriam assumir o papel principal no ensino das habilidades em informação (LAU, 2006).

Para acompanhar as velozes alterações nas tecnologias é necessário que o profissional esteja em constante atualização, para que seja capaz de acompanhar a implementação da prática da CI em qualquer fase de ensino, tanto relacionada com a qualificação dos alunos, quanto dos professores.

Além da inserção de novas tecnologias no ambiente educacional, outra questão a ser abordada é a prática da “Educação à Distância”. Há um preconceito no que diz respeito a essa prática. Muitos acreditam que, por ser à distância, os alunos seriam afastados da escola. Contudo, deve-se lembrar que a educação à distância é um modelo não presencial de aprendizado, mas não significa que por não obrigar o aluno a estar sentado perante um professor, ele não cumprirá suas atividades e agregará conhecimento como em sala de aula. Assim, os bibliotecários devem inserir-se também nesse campo de atuação, sendo mediadores dessa nova prática e garantindo que com a utilização das habilidades da CI, a educação à distância seja uma prática de sucesso.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Competência em Informação é considerada assunto estratégico nos países desenvolvidos. Para a nação americana, sua importância é demonstrada historicamente com a elaboração do relatório “A Nation at risk: the Imperative for Educational Reform” (UNITED STATES, 1983 apud CAMPELLO, 2006), que conclamava a todos para o conhecimento e o desenvolvimento de habilidades no uso das tecnologias, alertava para o desconhecimento na utilização das bases de dados que vinham sendo produzidas desde a década de 60.

Mais recentemente, o Presidente Barack Obama proclamou o mês de outubro, como o Mês da Consciência Nacional da Competência em Informação (NATIONAL

INFORMATION LITERACY AWARENESS MONTH, 2009). No documento, ele conclama o “povo dos Estados Unidos, a reconhecer na informação, o importante papel que ela desempenha em nossa vida diária, e apreciar a necessidade de uma maior compreensão do seu impacto em todos os cidadãos” (OBAMA, 2009).

No Brasil, em 2000, o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), gerou o Livro Verde, parte do Programa da Sociedade da Informação, do plano do governo Avança Brasil.

[O Livro Verde] contempla um conjunto de ações para impulsionarmos a Sociedade da Informação no Brasil em todos os seus aspectos: ampliação do acesso, meios de conectividade, formação de recursos humanos, incentivo à pesquisa e desenvolvimento, comércio eletrônico, desenvolvimento de novas aplicações. Esta meta é um desafio para o Governo e para a sociedade (SARDENBERG apud TAKAHASHI, 2000).

Esse documento buscou enriquecer discussões sobre as temáticas referentes à Sociedade da Informação no Brasil, abordando aspectos relevantes, pesquisando e desenvolvendo linhas políticas e ações estratégicas a serem adotadas.

Além do Livro Verde e de ações de escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, vale destacar a importante atuação da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) que vem incentivando os profissionais no desenvolvimento das habilidades em informação, ou seja, da competência em informação, divulgando documentos e cursos presenciais e à distância.

Devido à sua importância e relevância, a CI ainda tem de ser estudada e divulgada para projetar na sociedade um desenvolvimento social e educacional. É necessária uma mobilização por parte dos administradores, bibliotecários, governo, órgãos educacionais, pedagogos, professores etc, para criação de modelos que permitam a implementação da CI, para promover a construção do saber.

Na UFRJ, o Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG), criado em 2005, oferece a disciplina eletiva com carga horária de 60 horas, entre aulas

teóricas e práticas. Estas, voltadas para o treinamento em buscas bibliográficas no ambiente web, visando preparar os novos profissionais para atuarem com competência no século XXI.

REFERÊNCIAS

BECK, Martha; BARBOSA, Flávia; ALMEIDA, Cássia; SPITZ, Clarice. Brasil sobe no IHD, mas educação patina: país pula 4 posições no ranking, mas escolaridade trava desenvolvimento. **O Globo**, Rio de Janeiro, 5 novembro 2010. Economia, p. 31.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Em busca de parâmetros de avaliação da formação contínua de professores do ensino fundamental para o desenvolvimento da Information Literacy. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.5, n.2, p. 129-139, jun. 2004. ISSN: 1517-3925.

CAMPELLO, Bernadete. A escolarização da competência informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação: Nova Série**, São Paulo, v., n.2, p.63-77, dez. 2006. ISSN: 1980-6949.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Formação permanente e tecnologias educacionais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **O Porvir: desafio das linguagens do século XXI**. Curitiba: IBPEX, 2007.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana; GABRIEL, Maria Aparecida; VILLELA, Maria Cristina Olaió. **A educação de usuários de bibliotecas universitárias frente a sociedade do conhecimento e sua inserção nos novos paradigmas educacionais**. 2000. Disponível em: <<http://snbu.bvs.br/snbu2000/parallel.html>>. Acesso em: 20 out. 2010.

_____. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n.1, p. 23-25, jan./abr. 2003.

_____. Os faróis da sociedade de informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v.18, n.2, p.41-53, maio/ago. 2008.

A EDUCAÇÃO freia avanço do Brasil em ranking da ONU: país sobe no IHD, mas é lanterna, como o Zimbábue, em anos de estudo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 5 novembro 2010, 1º caderno, p. 1.

GARCEZ, Eliane Fioravante. Sociedade da Informação e escola: contribuição das bibliotecas escolares. **Revista ABC**, Florianópolis, v.14, n.1, p.9-26, jan./jun., 2009.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima. **Information Literacy: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LAU, Jesús. **Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente**. 2007. Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:TgpddSyfQFIJ:www.febab.org.br/jesus_lau_trad_livro_comp_v_f.doc+diretrizes+LAU&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-a>. Acesso em: 27 jul. 2010.

LIMA, Roberta de Abreu. Quando a aula chega à rede. **Veja**, São Paulo, ano 43, n. 37, p. 124 -126, 15 set. 2010.

MACHADO, Elisa. **Bibliotecas Comunitárias como práticas sociais no Brasil**. 2008. Tese (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.php>>. Acesso em: 22 jul. 2010.

OBAMA, Barack. **National Information Literacy Awareness, 2009**: a proclamation. Washington, 2009. Disponível em:

<http://www.febab.org.br/2009literacy_prc_rel.pdf>. Acesso em: 26 out. 2010.

REZENDE, Flavia. As novas tecnologias na prática pedagógica sob a perspectiva construtivista. **Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências**, v.2, n.1, mar. 2002.

RODRIGUES, Ana Vera; CRESPO, Isabel. Fonte de Informação Eletrônica: o papel do bibliotecário de bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 1-18, jul.dez.2006.

SCLIAR, Moacyr. **Um país em busca de leitores**. Disponível em: <<http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=758>>. Acesso em: 26 out. 2010.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da Informação no Brasil: Livro Verde**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em: <http://www.institutoinformatica.pt/servicos/informacao-e-documentacao/biblioteca-digital/gestao-e-organizacao/BRASIL_livroverdeSI.pdf>. Acesso em: 20 out. 2010.

ANEXO**THE WHITE HOUSE**
Office of the Press Secretary

For Immediate Release

October 1, 2009

NATIONAL INFORMATION LITERACY AWARENESS MONTH, 2009

BY THE PRESIDENT OF THE UNITED STATES OF AMERICA
A PROCLAMATION

Every day, we are inundated with vast amounts of information. A 24-hour news cycle and thousands of global television and radio networks, coupled with an immense array of online resources, have challenged our long-held perceptions of information management. Rather than merely possessing data, we must also learn the skills necessary to acquire, collate, and evaluate information for any situation. This new type of literacy also requires competency with communication technologies, including computers and mobile devices that can help in our day-to-day decisionmaking. National Information Literacy Awareness Month highlights the need for all Americans to be adept in the skills necessary to effectively navigate the Information Age.

Though we may know how to find the information we need, we must also know how to evaluate it. Over the past decade, we have seen a crisis of authenticity emerge. We now live in a world where anyone can publish an opinion or perspective, whether true or not, and have that opinion amplified within the information marketplace. At the same time, Americans have unprecedented access to the diverse and independent sources of information, as well as institutions such as libraries and universities, that can help separate truth from fiction and signal from noise.

Our Nation's educators and institutions of learning must be aware of -- and adjust to -- these new realities. In addition to the basic skills of reading, writing, and arithmetic, it is equally important that our students are given the tools required to take advantage of the information available to them. The ability to seek, find, and decipher information can be applied to countless life decisions, whether financial, medical, educational, or technical.

This month, we dedicate ourselves to increasing information literacy awareness so that all citizens understand its vital importance. An informed and educated citizenry is essential to the functioning of our modern democratic society, and I encourage educational and community institutions across the country to help Americans find and evaluate the information they seek, in all its forms.

NOW, THEREFORE, I, BARACK OBAMA, President of the United States of America, by virtue of the authority vested in me by the Constitution and the laws of the United States, do hereby proclaim October 2009 as National Information Literacy Awareness Month. I call upon the people of the United States to recognize the important role information plays in our daily lives, and appreciate the need for a greater understanding of its impact.

IN WITNESS WHEREOF, I have hereunto set my hand this first day of October, in the year of our Lord two thousand nine, and of the Independence of the United States of America the two hundred and thirty-fourth.

BARACK OBAMA